

PATOÁ

2. ENTRA SÃO JOÃO BATISTA

Entra São João Batista, ainda ensonado, com um cajado na mão, chamando pelo cordeirinho:

Churro! Churro!

Não viram por aí um carneirinho?

Churro!

Eu chamo, mas ele não vem.

Saiu cedo, para brincar, e ainda não voltou ao céu...

Na tela, passa o cordeirinho, com o nome Anho / Cordeiro / Borrego escrito à mão, como se fizesse parte do livro do avô. A escala vai diminuindo e vemos o cordeiro a sair do Porto, e a passar por várias regiões, mudando de nome conforme a zona. [Ver mapa de Lindley Cintra.]

É o anho: o cordeiro: o borrego.

Não viram?

Este que eu tinha aqui comigo.

É chamado anho, ou cordeiro, ou borrego, conforme a região do país...

É a cria da ovelha.

E do carneiro.

Não o viram?

Churro!

É uma ovelhinha, um carneirinho, mas pode ser chamado anho, cordeiro, ou borrego.

Para mim, que vejo tudo lá de cima, é os três ao mesmo tempo.

Não o viram, de certeza?

Estou-me a repetir...

Churro!

Eu chamo-lhe Churro porque a raça dele é Ovelha Churra Mondegueira, do Alto Mondego.

Ó Churrinho!

Não é o churro de comer. É só a mesma palavra. Podia ser. Churros, farturas, tudo o que é fritos das festas, é comigo mesmo.

Churro!

Ta —

Quando estou zangado chamo-lhe só Tarrincha, que é outra maneira de chamar naquela região.

Agora vai ser um problema chamar por ele o espetáculo inteiro.

Quer-me estragar a noite.

Tarrincha!

Porque esta vai ser a minha noite.

Na tela, a escala aumenta, tanto que entramos dentro de uma cascata sanjoanina, também desenhada pelo avô.

Vêm os tocadores de concertina, de cavaquinho, de reque-reque! As braguesas, as amarantinas, as rabecas, os tambores, até vêm os tocadores de ferrinhos! Vêm gigantones e cabeçudos e bombos e... A cascata inteira! O fogo, os balões, as fogueiras.

Sim, porque eu sou um santo fogo. Ponho os corações em brasas!

Nessa noite atenderei os pedidos das moças e dos moços. Se algum de vós estiver interessado... Mesmo com a invenção da escrita, eu continuo a ser preciso, não pensem que não. Se quiserem fazer parte da minha cascata...

Ponho-me aqui à escuta e vou apanhando os pensamentos, com meses de antecedência. Não apanho o pensamento de qualquer um. Vocês que estão só a ouvir desinteressadamente as minhas palavras... eu não consigo ler nem uma linha dos vossos pensamentos. Só apanho bem os pensamentos dos aflitos, dos necessitados, dos carentes... que pensam com o coração. As cascatas são feitas de bonecos de barro. Mas só dos bonecos que têm coração, que foram feitos com amor.

Na tela, veem-se os corações dos bonecos.

Amor verdadeiro! O amor falso até se ouve, mas como é oco, faz muito eco. É muito ecocêntrico. E o amor ciumento, esse... ih... faz muito feedback. Falo de amor amor.

Parece-me estar a ouvir uns suspiros no pensamento de alguém... Vem daí da última fila... Mas ainda não se ouve bem... Menina, fique atenta ao seu coração. Já lhe dei o meu cartão? A menina, se estiver interessada em juntar-se à minha cascata, faça o seguinte: pode chamuscar uma alcachofra na minha fogueira, deixar ao relento, na minha noite, que eu vou lá e deixo o sinal — se ela florir pela manhã, é casamento certo antes de um ano.

Ah, acha que o Santo Casamenteiro é outro?... Mas eu sou São João Batista não é por acaso. Sou Batista precisamente porque eu batizei o menino Jesus. Nasci antes de Cristo. Exatamente seis meses antes, a 24 de Junho do ano do senhor. Façam as contas para trás. Era o ano um da era cristã, o ano 3760 da era judaica, o ano 38 da era de César e o ano -622 da era de Maomé! Mas foi exatamente no mesmo ano (em cada uma dessas datas) nesses quatro anos. É o mesmo ano, mas são anos diferentes.

Na tela, uma linha do tempo com as várias datações.

E com este trabalho todo, é sabido: distraio-me e o cordeirinho foge-me, e ando meses atrás dele, porque não lhe ouço o pensamento. Tudo nele é calma, serenidade, só ser e só estar. Ele é feito para pastar, eu é que não dou para pastor, não gosto de estar muito tempo parado. Se vocês repararem bem nas minhas estátuas, a maior parte do ano o cordeirinho não está lá. Vai por aí fora, sozinho, à procura de outros cordeirinhos com quem brincar... e de prados verdejantes onde pastar.

Tarrincha! Eu chamo, mas ele não vem.

Estou-me a repetir...

Já lhe dei o meu cartão?

Tarrincha! Estou a ouvir qualquer coisa...

São João tira um cartão do bolso e o mostra à plateia.

3. SÃO JOÃO OUVI OS PENSAMENTOS DE AVÔ, MÃE E NETO

Estou a ouvir mais qualquer coisa, mas não vem daqui... É a mãe que está sempre a telefonar e o filho não atende... E o pai dela... Um avô e uma mãe... à procura do neto dele e do filho dela... que é o mesmo, claro está. Será que estão perdidos no Rivoli? Não, estão mais longe... Amor familiar... também se apanha, às vezes. Chama-se João! Um nome bonito. E popular. Estão perdidos à procura dele. Vêm na estrada... Estou a ouvir os pensamentos da mãe:

— *Viro aqui? Estas estradas, não se percebe nada. Estão muito mal sinalizadas.*

SÃO JOÃO

Acabaram de estacionar, ao lado da estação de São Bento. Entraram no café para fugir à chuva e aproveitaram para tomar uma bica. Um cimbalino. Um café. Estou a ouvir o avô a pensar. Mas isto também já não é só amor ao neto e à filha... Estou a sentir outra coisa nestes pensamentos... Eu sabia! É amor ao dinheiro! Também se ouve muito bem, até se ouve bem demais, tenho normalmente de pedir para baixar o som.

Na tela, moedas, notas e unidades monetários, e as coisas citadas, incluindo o grão de café, o café moído, a máquina de marca Cimbalino, a xícara fumegante; a cana de açúcar e o açúcar refinado; a espiga, o grão, a farinha, o pão; a videira, a uva, o vinho.

O avô está a pensar nos preços das coisas:

— *No meu tempo um cimbalino custava vinte merréis. Vinte. E no tempo do meu pai... “Toma dez tostões, duas c’roas, e traz pão e vinho”, dizia o meu pai. Eu trazia nove tostões de vinho e um tostão de pão, e ele perguntava... (Pausa.) “Para que é tanto pão?”*

Na tela, as coisas que dão nome ao dinheiro:

— *Ainda me lembro de pedir um tostãozinho para a minha cascata de São João... Mas naquele tempo... dinheiro... aquilo com que se compra os melões... maçaroca, massa, pasta, nota, milho, cacau, bago, dinheiro nem vê-lo.*

A mãe também:

— *Uma bica nem 20 paus era. Ou seja... um cafézinho não chegava a 10 cêntimos! Será que o João já gastou o dinheiro que lhe dei?*

Agora está a pensar nas palavras certas para os nomes das coisas:

— *É um pingó ou um garoto, que se diz aqui? Nunca sei... Se calhar peço uma imperial, estou cheia de sede. Uma imperial, não, um fino! Senão ainda me olham de lado... Os empregados de mesa fazem de tudo para mostrar que eles é que sabem: copo de água copo com água, não quer nada isso não temos, queria mas então já não quer, pensam-se os donos do português.*

A mãe agora deixou-se levar pelas memórias e desviou o pensamento para o casaco do marido e o casaco do filho:

— *O kispo dele custou dez contos.*

Na tela, parcas, anoraques, tudo o que tenha a ver com esquimós, um trenó, cães esquimó, um igloo, um buraco no gelo e um esquimó pescar, o peixe a morder o isco, o esquimó a puxar, e na linha, em vez do peixe, um urso polar que tinha acabado de engolir o peixe. O nome do urso muda (panda, pardo, negro, malaio, beijudo, de-óculos), até pausar em branco, seguido de polar, e depois fixar no nome inuit, Nanuq.

— *Hoje já não há kispas nem anoraks, quanto mais escudos ou contos ou merréis. Mas aquele kispo ficava-lhe tão bem... Este casaco do João não vale nada.*

Ao fundo, o cordeirinho, com o nome instável (não há palavra para ovelha em inuit), entre cria de Caribu e Sheepi, foge.

O avô, nos euros:

— *Ouros, aéreos, eu bem chamo o dinheiro de todas as maneiras que sei... chamo, mas ele não vem.*

É como eu a chamar o Churro!

Na tela, passa o cordeirinho, agora tosquiado, que também repara na repetição da frase.

Churro! Tarrincha! Quando eu acabar aqui com estes senhores, vais ver!...

Estou a ouvir o João!

JOÃO

Tudo começou por causa de um filme, uma curta metragem de animação que uma amiga, uma colega da faculdade, a Joana, ia fazer, e precisava de um ator com pronúncia do Sul. Já tínhamos trocado umas palavras e ela estava sempre a brincar com a minha pronúncia e a perguntar se havia outra palavra para riças ou tralho ou... tudo e mais alguma coisa. É que eu sou... bis-léxico.

Eu não sou do sul, nem do norte, nem da borda d'água, nem dos montes... tenho família de todo lado e imito bem, de maneira que a minha pronúncia passa por ser do Sul na exata medida em que não soa como a pronúncia do Norte... e fui. Passei na audição, uma espécie de audição, pronto, e fomos filmar. Não era pago. Acabei a imitar pronúncias e a usar palavras que ninguém conhecia. Ela achava graça, deu-me atenção o tempo todo.

O problema é que no último dia de filmagens íamos filmar para a Gaia, para uns prados verdejantes cheios de pasto, e andava lá um cordeirinho perdido, e eu, armado em São João... comecei a brincar com ele e ele comeu-me o telemóvel. Era um daqueles pequeninos, antigos, que só dá para telefonar. Por causa disso fiquei umas horas sem dizer nada à minha mãe. Se vocês conhecessem a minha mãe, perceberiam. E a Joana quis que eu fosse com ela.

Isto foi logo de manhãzinha e íamos lá ficar o dia todo, estava uma névoa que não se podia, eu não tinha dito onde ia, e a minha mãe ligava para toda a gente que me conhecia no Porto, até que alguém lhe há de ter dito qualquer coisa de Gaia.

Vou buscar este avô, esta mãe e este menino e trazê-los para dentro da cascata, para se cruzarem uns com os outros mais facilmente. Esperem, se calhar não é preciso, estou a apanhar uma interferência, talvez seja o miúdo... Não... acho que é o arrumador. Está a pensar:

— *Eu tinha um casaco igualzinho ao que esta dona tem na mão... Mas era da minha cor preferida: azul e branco. Será que já pôs a moedinha no parquímetro? Ainda apanha uma multa, que eles andam sempre aí. Eu é que devia trabalhar para a câmara a passar multas. Olha, não fecharam o carro! Vou ter que ficar aqui a guardar isto? Grandes cromos! Ainda se vão perder uns dos outros...*

SÃO JOÃO

Vou juntar estas personagens todas à minha cascata!

São João sai. Na tela, um boneco de barro: é o avô. Música e som de festejos, etc.

4. ENTRA AVÔ COM GUIA DO PORTO

AVÔ, entrando

Tudo começou numa manhã de nevoeiro... vocês sabem quantas palavras existem no Porto para dizer nevoeiro, ou os primos do nevoeiro? Eu sempre que venho ao Porto faço questão de usar as palavras certas para cada ocasião. É que ele há muito tipo de nevoeiro: nevoeiro fino, nevoeiro grosso, névoa, neblina, nimbo, carujeiro, caruja, caligem, sinceiro, brêtema, bruma, cerração, cacimba, nébula, nevoaça, borrasca, ruço, garoa, maresia, orvalho, sereno, relento, zimbro... isto já é quase chuva.

Por exemplo, um chapéu-de-chuva não serve para nada, aqui. Com a pluviosidade média mensal, às vezes nem um guarda-chuva serve, quanto mais um chapéu. O que é preciso é ter um chuço sempre à mão, essa é que essa. Com a palavra certa, parece que chove menos.

“Comprimidas pelas margens do rio, as palavras que se usam no Porto para dar o nome às coisas nem sempre são as mesmas que se usam noutros lugares.” Pode ser do clima. Os esquimós têm mais de trinta palavras para neve, e não sei quantas para casacos: parcas, anoraques, quispos...

Na tela, todas as variedades de nevoeiro possíveis e imaginárias, que se vão transformando em chuva miudinha, depois chuva grossa, até chegar à chuva torrencial e, finalmente, começar a chover a cântaros.

No Porto, desde a rua até dentro de casa, as coisas têm sempre no mínimo, dois nomes. Quer dizer, as coisas são sempre outra coisa. E mesmo esta regra tem uma exceção. Isso não quer dizer que as gentes do Porto façam confusão. Ao contrário, para uma coisa poder ser duas coisas ao mesmo tempo, é preciso ter muito claro quando uma coisa é uma coisa, e quando uma coisa é outra coisa. Não é tudo a mesma coisa.

Eu só me sinto em casa quando posso dizer, conforme me apetecer, as duas palavras que tenho à disposição.

Por isso, quando o meu neto veio estudar para o Porto, além de lhe dar um chuço e um kispo, fiz-lhe um dicionário pessoal, ilustrado, com os nomes das ruas, versos de poetas do porto, o nome das coisas... Não fosse ele passar fome... ou vergonha... ou as duas coisas, por não saber o nome de cada pão e o nome de cada coisa! Não custou nada e até não ficou mal. É isto que vocês estão a ver na tela.

Som de chuva torrencial.

O avô sai. Na tela, outro boneco de barro: é a mãe.

5. ENTRA MÃE COM TAPARUÉRES

Na tela, as pontes sobre o Douro e as estradas do Porto fazem-se e desfazem-se, no meio do nevoeiro, à passagem do carro.

MÃE, entrando.

Vínhamos por Gaia, pela ponte da Arrábida. Mas não se via nada, com tanto nevoeiro. Ao passar a ponte, em vez de virar, continuei. Pensava que ainda estava em cima do rio. E na verdade, eu ainda não sabia para onde ir, porque do meu João, nada. E eu cada vez mais preocupada. Eu vinha ao Porto quando o meu pai me trazia, ele vinha muitas vezes a trabalho, ainda era pequenina, e ele é que me guiava, mas eu não perdia pitada, e para mim o rio era gigante, por isso, com as memórias a dominar-me o cérebro e a imaginação, continuei na estrada. E ele não ajudava. Lembras-te, quando viemos daquela vez, ainda havia mercado na Ribeira? E eu embalada com as lembranças, esquecia-me da estrada... Só comecei a estranhar quando senti a ponte a descer, a descer, e pensei: as pontes não descem... estaremos a ir para a Afurada? Qual quê, qual nada, foi quando vi o Dragão, as Antas, e mal olhei em frente, estávamos no Freixo, não dei pela saída, e passei a ponte, a ponte do Freixo, para o outro lado, para a outra margem, e entrei numa via rápida, numas rotundas, numas curvas, foi quando depois vi as indicações para a ponte do Infante e fui por ali. Continuei. Isto tudo no meio de um nevoeiro danado. Em meia hora já tinha passado três pontes: Arrábida, Freixo, Infante, e do Porto, nada. Engatei na ponte do Infante, e fui por ali cima, D. João IV, Rua da Alegria, Costa Cabral, Areosa, Circunvalação... Sem conseguir chegar ao meu filho... Rua Formosa, Campo Alegre, Rua Firmeza, Cedofeita... É uma confusão! E sem saber para onde ir. Ele já teve de mudar de quarto quatro ou cinco vezes... A renda aumenta a cada mês que passa, e ele vai a cada vez para mais longe da ribeira. Sabia lá onde é que ele estava! Fui a todas as casas. E carregada. Ele fome não passa mais, por isso é que trouxe os taparuéres, vim preparada. Ele aqui no Porto só comia Nestum e francesinhas... Agora é vegetariano. E trouxe também este casaco bom para a chuva. Era do pai dele. Nunca se sabe. Aqui chove muito. Ainda me lembro quando era pequenina de ver as cheias. Espero que o carro esteja bem estacionado, ficou lá em cima em São Bento, foi quando vi a mensagem: mãe, estou na Afurada, e nós viemos por aí abaixo, no fim tivemos sorte, descemos até à rua nova de São João, vamos agora passar a ponte de baixo para ir para a Afurada. Se conseguirmos passar. Mas estas cheias, nesta altura do ano... Só podem ser das alterações climáticas!

Na tela, veem-se marcas do limite das cheias do Douro, por ano, numa parede de granito.

Era tão simples quando ele andava na escola. O refogado na frigideira e o estrugido na sertã, uma com o testo, outra sem tampa, e toca a preparar o almoço antes de sair de casa, pela manhã, enquanto punha o leite na malga e a compota nos moletes, para o miúdo, e despejava o café por cima de meio papo-seco duro, partido em quartos, na tigela do avô.

A caminho do quarto, berrava para o garoto: — Está na mesa! Não te demores no quarto de banho. Ata os cordões das sapatilhas e os atacadores dos ténis. Já são dez menos um quarto... Anda, põe-te a andar, dá corda aos vitorinos. Falta um quarto para as dez! Tens tudo? A capa de argolas?

— O dossier, corrigia ele.

— A safa?

— A borracha...

— O aguça?

— O afia, mãe! Se não posso usar a minha palavra favorita, para que serve ter duas palavras? Não posso preferir uma e não a outra?

— Ainda estás na casa de banho?! — gritou eu, quando passo de novo para a cozinha. O teu pai vai arrancar. Quero ver como vais fazer quando entrares na faculdade, isto se entrares na faculdade, e fores viver sozinho para o Porto.

E volto imediatamente ao quarto. Tinha posto as meias-calças sem dar pela malha solta e foi só depois de as puxar que vi o foguete nos collants. Vou outra vez ao roupeiro, penduro a saia no cabide, tiro um vestido da cruzeta, e fecho o guarda-vestidos sem pensar. Calço os sapatos de salto alto e, enquanto me equilibro nos tacões, pego na mala, que estava ali ao pé, porque a carteira nova não a tinha à beira, abro a porta do camiseiro para me ver ao espelho, e finalmente confiro as repas, para não sair outra vez com a marrafa no ar. Franja aprumada.

Era mais simples antes de ele vir para a universidade. — Preciso da chave para abrir o aloquete da bicicleta, mãe, quem fechou o cadeado ontem, foste tu? — E começa a bufar de impaciência.

— Foi o teu avô, fala com ele e tira-o da cama. Não bufes tanto, que podes precisar do fôlego para as velas do bolo de anos.

— Mãe, mais logo vamos ter rabanadas?

— Pensava que preferias fatias douradas.

— Não, o pai dizia sempre rabanadas.

— Está bem, meu guloso.

— É bom variar.

— Lambareiro.

Batem à porta: — Vês, é o teu pai!

— Ele toca sempre à campainha.

— Vai abrir.

Era o canalizador: — É o picheleiro, mãe!

E eu já me tinha esquecido desta... Dantes tinha tempo para tudo, agora não me sobra tempo para nada. Viro aqui? Estas estradas, não se percebe nada. Estão muito mal sinalizadas.

A mãe sai. Na tela, um outro boneco de barro: é João.

6. ENTRA JOÃO

JOÃO

As palavras são para as ocasiões. A ocasião faz a palavra, a palavrinha, o palavrão. Eu cresci ali onde o mapa de Portugal se dobra em quatro, com família de todos os lados, e o dia de natal era sempre uma batalha de palavreado para os netos, as primas, os tios e as avós se entenderem com o nome dos doces. O meu avô dizia que era a grande guerra do Patoá. E era! Se eu não acertasse no nome do frito, ficava a ver navios.

Na tela, um mapa de Portugal dobra-se em quatro e quando se desdobra revela inúmeros tipos de fritos de Natal, como se fosse o papel absorvente onde se pousa os doces depois da fritura. Os fritos mudam de nome conforme a região.

A Grande Guerra do Patoá era uma questão de língua nos dois sentidos! Quem não acertasse na língua em que se chamavam os doces não adoçava a língua! Se te enganas no nome não te deixam comer! A Joana, por exemplo, que até confunde farturas com churros, ali não tinham hipótese nenhuma! Parecia que a Torre de Babel tinha acabado de desabar e cada um falava a sua língua. Espalhadas em cima da mesa todo o tipo de coisas fritas, cada qual com a sua identidade e diferença.

Fritos:

Fritos de Natal:

filhó ou

filhós ou

velhós ou

belhós ou

bilharecos ou

bilharacos ou

bailarotes ou

sonhos

e tudo isto pode ser

de abóbora menina

de abóbora amarela
de abóbora abóbora
de jerimu
de jerimu, as filhós ou os bolinhos
de jerimu
os bolinhos de jerimu
de jerimu
só assim
Hum...
ou as filhós
ou a filhó
e a filhó ou filhós também ainda pode ser
de abrir ou então
de forma
enformadas

tirando o fermento e a abóbora

também chamadas
cuscuréis ou
coscorões
assim ou
enformados:
flores ou rosas de massa frita

e no Sri Lanka, iguaizinhas,
kokis
levadas para lá quiçá talvez porventura
por algum português
da região onde
as filhó

ou filhós
de abrir ou
de forma
se chamam
cuscuréis ou
coscorões
está visto

No Sri Lanka, que também foi chamado
Ceilão ou
Taprobana

As filhós e os coscorões assinalados,
Que da tradicional doçaria Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
...

Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

A Joana só se ria com estas coisas! Mas agora perdi-a de vista... Vou ver se a encontro em
Miragaia, ou nas Fontainhas, ou... Tenho de dar corda aos vitorinos e correr o Porto todo!

Sai.

7. ENTRAM SÃO JOÃO E ARRUMADOR, QUE QUER ENTRAR NA CASCATA

SÃO JOÃO

As minhas preferidas... são as filhós algarvias das freiras de Tavira. Que três belos cromos para a minha coleção. São assim, as ovelhinhas do meu rebanho... só conseguem fazer coisas muito concretas, preocupações imediatas que se metem no caminho e arrastam tudo, não deixando ver nada melhor nem maior à frente deles. É o amor. Têm coração de gigantes. Este João está apaixonado, claro, está visto. Nem precisa de indícios nenhuns... Por isso eu ouvia tão bem os seus pensamentos. E o avô e a mãe, claro, está visto, querem o neto e filho mais que tudo. Quando for a minha noite... Vou pô-los a todos na cascata a encontrarem-se e festejarem na Ribeira, à meia-noite em ponto, debaixo do fogo de artifício. O ano inteiro à espera de um dia... e da noite!

Na tela, os bonecos vão sendo dispostos na cascata.

O João vem de Gaia, pela ponte de baixo. A mãe e o avô foram dar a Miragaia, decidem caminhar em direção à ponte. E encontram-se ao pé da minha estátua, que o meu amigo Cutileiro me fez, ficou assim porque eu não conseguia ficar quieto, era preciso posar muito tempo, ficar sem me mexer durante muitas horas, e isso não me assenta muito bem. A Joana... Essa não a estou a ouvir... Não sei se este amor é correspondido.

Agora já fazem todos parte da cascata. Mais alguém quer entrar nela?

Entra o Arrumador.

ARRUMADOR

Ouv' lá, ó maior! E eu?

Estou aqui à meia-hora a tomar conta do carro aberto e destravado, mas também tenho de ir à minha vida. E se o carro tivesse caído ao rio? Quem é que o ia lá buscar?... Como é que se vai para aí? Eu também quero entrar na cascata, ser imortalizado como figura local! Eu e os meus manos. 'Tás a ver? Bota-nos lá dentro.

Na tela, surgem as tentativas de tradução e ilustração do calão usado pelo arrumador, como se alguém estivesse a acrescentar significados e desenhos ao dicionário ilustrado do Avô:

Eu ainda tive de emprestar as moedas para eles porem no parquímetro. Não é galga. Ides de cu tremido, e eu a andar de gunas. Quando vos estava a estacionar, e não botastes o travão de mão, e se a chocolateira fosse ao rio, quem estava lá para vos salvar? Tive de mergulhar! Duas vezes! Duas para os salvar e depois ainda queríeis que lá voltasse. A senhora ainda chorou, que eu fosse lá buscar os taparuéres, e o senhor que fosse lá buscar o livro, como o Camões, a nadar só com um braço e só com um olho? Tiveram cá uma leiteira... Não sei se estais a menar o alcance da situação. Sois uns caga-e-tosses, não andais nem desandais, e eu tenho de arriar a giga. Tou aferroado. Não sou armante, mas afinal quem é o herói nesta história? O geadas veio todo apinocado, pipi da tabela, vestido de grilo, laço à gato, caquinho no olho, mas não via nada à frente; a mãe é uma bom-serás, já ia na cantiga do azeiteiro, e depois dava-lhe a filoxera; e o João parece um vidrinho-de-cheiro, um bebe-água, um caga-na-saquinha, apanhou uma ramada, todo engasolinado, nem sabia de que terra era, fora-e-dentro, volto já, até se esqueceu da pasteleira. Não lhes meti os garfos, não espetei a choupa, não quero andar à gosma... mas fico sem abichar nada? Não me mandes esses holofotes assim, que eu tenho razão! Não estou a regar. Patelas o galizo? Tenho que te chimpar na tromba estas coisas todas? Percebes o patoá? Podemos ir para a cascata, eu e os meus manos, ou vais empalear? Onde estás?

SÃO JOÃO

Tótil.

O carro vai para a sucata. Andem de comboio e de bicicleta.

Som do Balido do cordeirinho, seguido de som de telemóvel na barriga do cordeirinho. Na tela, passa o cordeirinho.

Churro, estás na cascata? Vou-te buscar! Espera. Churro!

São João sai atrás dele. Fora de cena:

Churro! Tarrincha!... Ai que aflição a minha... A noite aproxima-se... Temos de subir para o céu, para receber os balões que nos vão lançar a noite toda... E tu sabe-se lá onde andarás... sozinho, perdido no lusco-fusco... E se não souberes o caminho para casa, Churrinho?... Deixo-te um sinal, aqui? Se eu ao menos te conseguisse ouvir... Quem cuidará de ti? (Pausa.) E de mim, quem cuidará de mim?...

Atrás da tela, finalmente, descobre o cordeirinho.

Churro, até que enfim! Anda, preciso de ti! Vamos para cima, ver o fogo!

Sai São João.

Sons dos festejos da noite de São João.

Na tela, fogo, visto de cima.